

VII CADERNOS CULTURAIS D'OURIQUE

Dezembro de 2018

Edição_

ORIK – Associação de Defesa do Património de Ourique
Rua D. Afonso Henriques, 3

Direcção_

Henrique Albino Figueira

Colaboraram neste número_

Jorge Vilhena
Virgílio Hipólito Correia
António Candeias
José Mirão
Carlo Bottaini
António Rafael Carvalho
Hélder Mendes
Alice Borges Gago
António Janeiro
João Aníbal Henriques
José Carlos Borges Godinho
Miguel Balança
José Duarte Branco

Coordenação Fotográfica_

Valter Bento

Grafismo_

Francisco Espada

Impressão_

Gráfica Comercial

Depósito Legal (246816/06)

CADERNOS CULTURAIS D'OURIQUE



ORIK 2018



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
PROJECTO AL-RIQA – INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO CASTELO DE OURIQUE	
Nota sobre o dito «capacete» de Ourique	10
Jorge Vilhena, Virgílio Hipólito Correia, António Candeias, José Mirão, Carlo Bottaini	
ARQUEOLOGIA	
Visite os silos moçárabes de Ourique	18
Hélder Mendes	
HISTÓRIA	
Marachique/Castro da Cola, no final do Período Islâmico: Reflexões sobre a sua Muşallā	22
António Rafael Carvalho	
A Visitação de Ourique de 1511	32
Alice Borges Gago	
O concelho de Ourique no Tribunal do Santo Ofício de Évora (1570 – 1755)	68
António Janeiro	
MEMÓRIA	
Joaquim António Pereira Baraona (1930 – 2018)	88
João Aníbal Henriques	
Santana da Serra – Memórias do século XX <i>A Carreta – As Pousadeiras</i>	98
José Carlos Borges Godinho	
INTERVENÇÃO CÍVICA	
Que número é este?	106
Miguel Balança	
Um breve mapa político	112
José Duarte Branco	

APRESENTAÇÃO

Os Cadernos Culturais d’Ourique resultam de um profundo amor pela história e pelo património do nosso concelho. Amor que moldou a primeira edição e que amadureceu até ao presente número.

Perante o desafio inicial de manter uma publicação de divulgação cultural que se pretendia regular, até anual, procurámos sempre o melhor caminho, com estoicismo e persistência, apoiados no carinho dos amigos do projecto.

Nesta edição abrimos a porta ao projecto Al-Riqa – Investigação Arqueológica do Castelo de Ourique, que teve o patrocínio do Dr. Hélder Mendes e que a ORIK acolheu, continuando a divulgar a arqueologia concelhia.

Quanto à história, reflectimos sobre a Musalla de Marachique e apresentamos dois artigos enquadrados no século XVI, contando os passos de uma Visitação à Vila de Ourique e dando a conhecer os processos da Inquisição relativos ao concelho.

A memória terá sempre um local especial nesta publicação. A homenagem ao Comendador Joaquim Pereira Baraona impunha-se, tendo em conta a sua personalidade e a grande amizade que dispensava a esta publicação. Continuamos, ao mesmo tempo, com o foco em Santana da Serra, freguesia de grande riqueza cultural.

O espaço da intervenção cívica conquista agora o seu lugar definitivo, uma exigência e um imperativo da liberdade democrática.

O Presidente da Direcção da Orik
Henrique Albino Figueira



Figura 1 – Imagem do «capacete» de Ourique

NOTA SOBRE O DITO «CAPACETE» DE OURIQUE

Jorge Vilhena

Virgílio Hipólito Correia

Projecto de investigação Al-Riqa

António Candeias

José Mirão

Carlo Bottaini

Laboratório Hércules (Univ. de Évora)

Resumo: Publicam-se análises químicas sobre a peça publicada em 1958 por Abel Viana, concluindo-se que, sendo fabricada em alumínio e não em prata, não se trata de um objecto arqueológico antigo.

Em duas ocasiões, uma delas póstuma, Abel Viana (1958, 20-21; 1970, 9-11) publicou um objecto encontrado em Ourique, que identificou como «capacete céltico de prata». A peça foi-lhe cedida pelo proprietário da herdade onde se deu o achado, senhor Braga Nobre.

As notícias de Abel Viana tiveram um sucesso historiográfico muito limitado, sendo a identificação do artefacto como capacete alvo de cepticismo e suspeita de poder ser, em verdade, um caldeirão de cronologia proto-histórica (vg. Caetano de Mello Beirão, com. pessoal *circa* 1986; Rui Parreira, com. pessoal *circa* 2010). Já no plano social, não foi esquecida, salientando-se mais na memória colectiva de Ourique do que qualquer outro, entre o vasto acervo de objectos pré-romanos recuperados nos últimos duzentos anos no concelho, de frei Manuel do Cenáculo a Caetano Beirão. Ainda hoje, existe na terra quem recorde a história e demande pelo paradeiro final do «valioso» capacete de «prata maciça» oferecido à Câmara Municipal há quase três quartos de século e levado para o distante museu da capital de distrito, de onde nunca regressou ou foi visto. Para além do inerente potencial interesse científico, foi esta última situação mote para a pequena pesquisa que neste texto se relata.

No âmbito das prospecções de terreno integradas no projecto de investigação *Al Riqa – Investigação arqueológica do Castelo de Ourique* (DGPC – Projectos de Investigação Plurianual de Arqueologia – 2017), o local do achado, *circa* 1950, do dito capacete, designado Horta da Fome e próximo da vila de Ourique (1500 m a sudoeste do Cerro do Castelo, na coordenada N37°38' 35.8" W8°14'09.4"), foi identificado e prospectado, sem mais resultados, no final de 2018. A identificação do sítio foi conseguida por informações credíveis (por verificação cruzada) prestadas por moradores mais idosos da zona do Monte das Tardonas – para quem, na sua distante juventude, a descoberta da peça, episódio de que mantêm memória lúcida dos protagonistas, factos e contexto associados, se revestiu de um inesquecível carácter de *mirabilis*, dado ter sido inexplicavelmente encontrada, sem referências a outro espólio conexo, na limpeza de lamas de uma velha fonte de tipo de chafurdo ou de mergulho, que hoje jaz escondida entre silvados junto da foz de um barranco na margem esquerda da Ribeira da Junqueira,

na herdade do mesmo nome. Local improvável, mas não unimaginável, para a descoberta de tal «tesouro». Batia certo que naquela nascente estivesse escondido um caldeirão de prata: é que da dita fonte, que nada mais tem de especial (tem estrutura simples de pedra seca, actualmente conspurcada e consequentemente sem utilização), brota uma água cuja dessedentação ainda se acreditava, na altura, ter a conveniência incomum de possuir propriedades restabelecedoras ou curativas, como confirmaram os nossos informantes e tinha registado na altura o próprio Abel Viana: Horta da Fome «assim denominada, dizem, por haver nela uma nascente cuja água férrea produz grande apetite em quem a bebe» (VIANA, 1958: 20).

A precipitada interpretação crono-tipológica de Abel Viana sobre o «capacete», se pouco criteriosa, pode, talvez, ser justificada no contexto: não só, desde logo, pela associação entre raridade deste tipo de achado, lugar e narrativa desta peça em particular, mas também pela intervenção do próprio no encadeamento de notícias arqueológicas de similar teor na região (Formosinho *et al.* 1953, Viana e Ribeiro 1956: 148; Viana, 1958): primeiro, a identificação de um capacete «céltico» de bronze (de tipo *Montefortino* – séc. III - I a.C.), descoberto em «escavação acidental» na Várzea da Misericórdia, na margem esquerda da Ribeira de Aljezur e no sopé do Cerro do Castelo de Aljezur (ocupação no Bronze Final e Idade do Ferro); depois, a aparição fortuita, em trabalhos de lavoura, da espada de bronze pistiliforme de tipo Monte-sa-Idda (Bronze Final) numa pequena várzea (a Courela dos Barreiros) da margem do Mira no sopé sudoeste do Castro da Cola (também com ocupação no Bronze Final e Idade do Ferro), no mesmo concelho de Ourique; finalmente, este peculiar evento da Horta da Fome perto da vila (e à vista do Cerro do Castelo, que se tem acreditado ter tido ocupação no Bronze Final ou Idade do Ferro) (v. Coffyn 1983: 174; Berrocal-Rangel, 1992: 160; Correia 1999: 28; Vilhena, 2006: 27-28; Vilhena, 2011: 80-81; Vilhena e Gonçalves, 2012: 526-527 e Fig.7). Quase se intui, ainda, ao reler os textos de Viana, em que são recorrentes as menções e descrições das lendas sobre as fontes e o pegos do Castro da Cola, que o arqueólogo minhoto já se interessava especialmente por contextos de deposições votivas, no 1.º milénio a.C., de itens metálicos de armamento em ambientes aquáticos, actualmente interpretados como ofertas intencionais a águas elegidas pela irrecuperabilidade dos artefactos (Viana 1959: 11-15, Viana, 1960: 178-179; Vilaça, 2006: 49-60; Vilhena, 2006: 30).

Julgou-se, portanto, deverás oportuno reexaminar o objecto, conservado



Figura 2 – Fotografia do «capacete» de Ourique

no Museu Regional de Beja Rainha D. Leonor, na hipótese de se tratar de um vaso metálico pré-romano.

Verificou-se que se trata de um objecto incompleto, de tendência esférica, produzido pela junção de duas calotes hemisféricas de que é evidente a cicatriz de junção. Num ponto são visíveis os vestígios de um sistema de prensão ou fixação, entretanto danificado e perdido, consistindo em três cicatrizes de contorno rectangular. Este sistema era solidário do corpo da peça.

Sendo a análise morfológica inconclusiva, o Laboratório Hércules da Universidade de Évora analisou o objecto quanto à sua composição. O Museu Regional de Beja disponibilizou como amostra para estudo um fragmento já destacado da peça (que abrangia ambas as calotes e a zona de junção), sobre o qual se realizaram as análises.

Para a determinação da composição química do fragmento metálico (Candeias *et al.* 2018) foram utilizadas as seguintes técnicas:

a) Espectrometria de Fluorescência de raios X (XRF). A análise por XRF foi realizada através de um espectrómetro portátil de fluorescência de raios X, modelo Bruker Tracer III-SD com detector por SDD X-Flash com uma resolução de 145 eV no pico $K\alpha$ do Mn e tudo de raios X de Ródio. Condições de análise: modo de vácuo; tempo de aquisição de 120 segundos, 15 kV, 35 μ A. Sem filtro.

b) Microscopia Electrónica de Varrimento acoplada a Espectrometria de Dispersão de Energias (SEM/EDS). Microscópio electrónico Hitachi S-3700N acoplado a sistema de microanálise equipado com um detector Bruker AXS Xflash Silicon Drift, resolução espectral de 129 eV para FWHM/Mn $K\alpha$. O tratamento dos dados foi realizado com o software Bruker ESPRIT. Foram realizadas análises por áreas, análises pontuais e mapeamento dos elementos químicos.

Por economia, apresentamos apenas de forma sintética os resultados das cinco áreas analisadas por SEM/EDS, expressos na tabela 1.

Elemento		norm. wt. %	norm. wt. %	norm. wt. %	norm. wt. %	norm. wt. %
		Área 1	Área 2	Área 3	Área 4	Área 5
Alumínio	Al	83.68	84.37	84.43	84.37	87.07
Silício	Si	9.80	9.65	9.67	9.65	8.31
Ferro	Fe	1.49	1.36	1.00	1.36	0.86
Cobre	Cu	2.61	2.42	2.65	2.42	1.68
Zinco	Zn	1.54	1.31	1.47	1.31	1.21
Prata	Ag	0.87	0.88	0.79	0.88	0.88

Tabela 1 – Resultados das análises por SEM/EDS no dito «capacete» de Ourique.

A conclusão é clara: a identificação do objecto como peça arqueológica foi um equívoco; o alumínio foi isolado apenas em 1827, por Friedrich Wöhler, e o seu uso industrial só se divulga a partir de 1886 (processo Hall-Héroult). As ligas de alumínio e silício são conhecidas, portanto, desde finais do século XIX, sendo desde então muito utilizadas para fabrico de peças fundidas devido à grande fluidez na fase líquida. Nas proporções de liga com Cu e Zn demonstradas pelas análises realizadas, permitem o fabrico de metal com características de alta resistência mecânica, fusibilidade e resistência à corrosão.

O objecto analisado é um artefacto provavelmente datado da primeira metade do séc. XX, talvez um elemento de equipamento mecânico mais complexo, que pode revestir-se de interesse apenas para a arqueologia industrial. Deve ter sido reutilizada como bilha para retirar água da fonte da Horta da Fome, poucas décadas antes do seu achado.

O dito capacete deve, portanto, ser retirado dos inventários de material arqueológico (cf. Alves e Comendador Rey, 2009: 45) e o sítio removido das bases de dados onde correria o risco de entrar.

Fica por resolver uma pequena questão, que talvez guarde algum interesse para a historiografia da Arqueologia nacional de meados do século passado: como pôde um arqueólogo experiente como Abel Viana ter-se equivocado tanto sobre esta peça e, mais importante para as pessoas de Ourique, o metal de que é feita. Como atrás se referiu, a sequência de achados de armamento em contexto aquático pode ter proporcionado a apreciação incorrecta da tipologia e funcionalidade do objecto, apesar de Viana (1970: 10) expressar alguma incoerência interpretativa quase cómica: «*pela forma e dimensões conclui-se que esta peça defensiva só poderia ser usada por um braquicéfalo de cabeça relativamente pequena*». A avaliação da substância em presença de Viana foi, como também a de muitos dos que antes e depois viram e manusearam o objecto (os dois primeiros subscritores o confessam), hesitante ou precipitada: «*estava o Sr. Braga Nobre persuadido de que me entregava uma vasilha de metal, e eu, por minha parte, ao receber o objecto, julguei que era, efectivamente, uma vasilha, não metálica, mas de barro muitíssimo bem cozido, de que resultavam seu peso e dureza. Só depois que o limpei reconheci não ser vasilha, mas sim um capacete céltico, de prata, de um tipo não conhecido, que eu saiba*» em Viana, 1970: 9-10. O alumínio tem aparência brilhante, visualmente muito similar à prata, pois ambos metais possuem alta reflectibilidade à luz visível. Teve, por isso, aplicação em joalheria, antes da fase de produção industrial. A sua utilização apenas se vulgarizou após a 1.ª Guerra Mundial. Tachos e painéis de paredes espessas de alumínio soldado começaram a produzir-se em massa na década seguinte, e em Ourique existiriam seguramente pela década de 1950. Viana ter-se-á deixado ofuscar com o inesperado brilho argênteo revelado, qual lâmpada de Aladim, pela esfrega do estranho objecto oxidado escuro. O resto parece ter sido fruto da predisposição «arqueológica», dado o contexto peculiar do local achado, em o considerar pré-romano.

Referências

- Alves, Lara Bacelar e Comendador Rey, Beatriz (2009): «Rochas e metais na Pré-história para além da físico-química». In A. Bettencourt e L. Alves, ed.s: *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. S/I: CITCEM –APEQ, p. 37-54
- Candeias, António; Mirão, José e Bottaini, Carlo (2018): *Relatório do «capacete/vaso» da Horta da Fome*. (Évora, Lab. Hércules/EU, rel. Policop.).
- Correia, Virgílio H. (1999): «Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica». *Vipasca – Arqueologia e História*. Aljustrel. 8, p. 23-31.
- Formosinho, José; Ferreira, Orlando V.; Viana, Abel (1953): «O capacete céltico do Museu Regional de Lagos (Algarve)». *Actas do 13º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. Ciências históricas e filológicas*. Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 393-398.
- Richards, Joseph (1896): *Aluminium. Its history, occurrence, properties, metallurgy and applications including its alloys*. Filadélfia e Londres: H. C. Baird & Co. e Sampson Low, Marston & Co.
- Tylecote, R. F. (1976): *A History of Metallurgy*. Londres: The Metals Society.
- Viana, Abel (1958): «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. III – capacete céltico de prata». *Arquivo de Beja*, 15, 20-21.
- Viana, Abel (1959): «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Nossa Senhora da Cola». *Arquivo de Beja*, 16, 3-48.
- Viana, Abel (1960): «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Nossa Senhora da Cola». *Arquivo de Beja*, 17, 138-231.
- Viana, Abel (1970): «Capacete céltico de prata, achado em Ourique». In *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, Instituto de Alta Cultura), vol. 2, 9-11.
- Vilaça, Raquel (2006): «Depósitos de Bronze do Território Português. Um debate em aberto». *O Arqueólogo Português*, s. IV, v. 24, 9-91.
- Vilhena, Jorge (2006): *O sentido da permanência. As envolventes do Castro da Cola nos 2.º e 1.º milénios a.C.* Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Volumes. Edição policopiada.
- Vilhena, Jorge e Gonçalves, Miguel (2012): ««Murallas revestidas de cobre». Rochas vitrificadas em povoados do Bronze Final do Sudoeste». In J. Jiménez ÁVILA (ed.) – *SIDEREUM ANA II: El río Guadiana en el Bronce Final*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida (*Anejos de Archivo Español de Arqueología; XLVI*), p. 517-554.